

22-05-2023

Desculpe, não poderei participar

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

A modernidade do mundo e o mundo da modernidade fizeram com que mergulhássemos em águas profundas que, apesar de nos afogar, parece nos dar prazer. Nos afogamos em dezenas de grupos de WhatsApp, onde as pessoas colocam milhares de notícias e discussões. Mergulhamos em amontoados de publicações falsas e falsas/verdadeiras do Instagram. Nos afogamos em planilhas intermináveis de nosso trabalho. Para tudo existe algo a ser preenchido – um trabalho morto. Estamos imersos em vários sistemas – que determinam o tempo, a hora, o momento que devemos preencher mais um monte de coisas. Sei que comungamos chutar as siglas, mas aí estão elas: SIGAA, FENIX, PEGASUS, SEL, Meu Gov, Meu INSS, e mais uma caralhada de sistemas e de siglas que nos aprisionam. Senha, você esqueceu a senha? O seu google salva tudo (inclusive defende as notícias falsas), mas não perca o seu e-mail, porque, senão você estará perdido. E a Vida, Porra?! Pessoas se perdem/discutem e se aprimoram sobre todas as formas de acumular milhas e mais milhas e mais milhas – sistemas e operadoras. E a viagem? É quando a empresa marcar!

Em meu trabalho não tem mais café! Mas eu já não encontrava ninguém para conversar no café, espaços de rebeldias e articulações no serviço público estão vazios, os cafés morreram. Não temos mais café. Queremos pensar no sindicato, mas os filiados abrem mão de uma de suas maiores conquistas do mundo contemporâneo – o Direito de Votar. O esvaziamento sindical não é apenas um projeto das reformas – como a trabalhista de 2017, ele é maior, é um esvaziamento para o individualismo. O liberalismo e o seu egoísmo parecem ter vencido. Não sei! Talvez o futuro mostre que o individualismo levou o mundo ao óbito. As pessoas têm a cabeça inclinada, sempre focada no nada. Experimentei ficar olhando para uma pessoa por 10 minutos, fiz uma breve pergunta para me fazer notar e a resposta veio curta sem que eu pudesse ver os seus olhos, que continuaram na tela...

Durante dez longos minutos a pessoa manteve-se inclinada sobre a tela, focada, muito focada. Depois desse tempo, eu desisti... e a pessoa continuou lá! Como em um dia encoberto por uma forte neblina, ainda com a cabeça inclinada, a pessoa resolve levantar os olhos, tirando-os da tela, percebe que tudo em sua volta, que era real, não existe mais. A dúvida domina o seu pensamento, eu morri ou tudo morreu: pessoas, móveis? Onde está tudo? A vida deixa de ter sentido! Volta os olhos para a tela e um alívio toma conta do seu ser, tudo está em seu devido lugar, a vida está lá, pujante, alegre – cheia de acontecimentos, de fatos, de atos. Mas como na mistura de sonho e pesadelo – ela novamente ergue os seus olhos para tentar explicar a visão anterior. O pesadelo toma conta, a nebulosidade, o vazio é o que domina o espaço, a dúvida volta, estarei morta? Existe algo tampando minha visão – não consigo ultrapassar essa camada de névoa densa. Se eu me levantar e andar para os outros cômodos: as pessoas, amigos, filhos, esposa, cachorros estarão lá!? Posso ir embora? Posso correr? Com medo de dar o próximo passo, novamente ela volta o olhar para a tela. A angústia desaparece, a fantasia toma conta daquele instante, daquele espaço. Tudo é perfeito, até as notícias das ruínas da sociedade ela pode curtir, curtir e curtir... Não arrisco chamar essa pessoa para participar, ela não irá, não tem tempo. Os idiotas é que tomaram as ruas, vão em bandos, vão sobre motos, vão de camionetes.

Tenho saudades do tempo que havia tempo! Saudades de poder gritar contra o sistema, gritar contra os opressores – saudades de não gritar sozinho ou em número diminuto de rebeldes com causa. O mundo está chato, quero descer! Desembarcar da correria sem lógica, de ver a injustiça ser atropelada por uma nova injustiça – com direito à indignação efêmera. Quero ir caminhando para o trabalho, mesmo que lá não encontre ninguém para tomar café. Quero olhar a rua, ouvir o som dos “*levantados do chão*”¹ e sentir o vento; quero estender as mãos aos desocupados insurgentes; aos que negam o sistema com o próprio corpo; quero parar; descansar e olhar, buscar os iguais; quero andar na chuva ou buscar sombra sob as poucas árvores que restam para me esconder do sol. Quem sabe encontro alguém com tempo para se indignar. Alguém que possa participar do encontro contra as mazelas e injustiças e quem sabe, no mundo lento, sobre um pequeno espaço/tempo para o amor ao próximo. Vou descer!

■ ■ ■

1 - Referência à canção “Levantados do Chão” (Chico Buarque, Milton Nascimento)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.